

Linguagem e construção de sentido: o dialogismo como característica base da interação verbal

Language and the construction of sense: dialogism as the basis to verbal interaction

Andre Cordeiro dos Santos*
rdnao@hotmail.com
Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: Partindo de um entendimento de linguagem social, neste trabalho, trazemos o conceito de dialogismo à discussão, por entender que é o diálogo entre diferentes instâncias enunciativas que dá sustentação à interação verbal. Assim, este texto se caracteriza como sendo uma reflexão de natureza teórica e, nele, discutimos as diferentes marcas dialógicas que se evidenciam por meio de enunciados. Para esta discussão, apoiamos-nos na compreensão de linguagem do Círculo (de Bakhtin) e buscamos apresentar de forma separada essas diferentes marcas, mesmo sabendo que elas se apresentam de forma imbricadas nos enunciados da comunicação real. A partir disso, foi possível apresentar de forma didatizada as diferentes marcas dialógicas dos enunciados: a orientação social, para o outro; a presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; a materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; a adequação ao contexto enunciativo, e as marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciado. Construção de sentido. Marcas dialógicas.

ABSTRACT: Stemming from an understanding of social language, in this paper, we bring the concept of dialogism into discussion, because we understand that it is dialogue among different instances of utterance that supports verbal interaction. Thus, this text is characterized as a theoretical reflection and, in it, we discuss the different dialogical marks that are evident through utterances. For this discussion, we are supported by the understanding of language of the Bakhtin Circle and we seek to present these different marks separately, even though they are present in imbricated forms set out in real communication. Based on this, it was possible to present didactically the different dialogical marks of utterances, which are: the social orientation to the other; the presence of different social voices that dialogue or are in conflict among them; the materialization of the utterance as a link between the already-said and the presumption of responses; the adaptation to the utterance context, and evaluative/emotional-volitional/axiological marks of the subject in relation to the utterance object.

KEYWORDS: Utterance. Production of meaning. Dialogic marks.

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorando em Letras-Linguística pela Universidade Federal de Alagoas

Introdução

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro.

(Bakhtin)

Nesse excerto (BAKHTIN, 2011c [1974], p. 410), podemos perceber o grande enfoque que é dado ao caráter dialógico da linguagem, peça chave em se tratando do legado teórico deixado pelo grupo de estudiosos, denominado Círculo de Bakhtin, que desenvolveu suas reflexões sobre linguagem, literatura, estilística, ciências dentre outras áreas e questões. No caso desse trecho, Bakhtin, no texto *Metodologia das ciências humanas*, sai em defesa das ciências humanas advogando que essas requerem uma metodologia diversa da que é praticada na Ciência natural/positivista vistas à especificidade de seus objetos: os objetos das ciências humanas não podem ser tomados no seu caráter de coisa, pois estes estão envoltos em relações de sentido, ou seja, relações dialógicas.

Em se tratando especificamente do estudo da interação verbal, as relações dialógicas são a base principal sobre a qual se apoia a concepção de linguagem que emerge das reflexões do Círculo, pois, como afirma Fiorin (2008, p. 24), “(...) o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado”. Segundo o autor, esse também é o princípio responsável pela unificação da teoria bakhtiniana, pois “[o] dialogismo são as relações de sentidos que se instauram entre enunciados” (p. 19), sem as quais não há enunciação nem interação.

Ainda a respeito dessa questão, cabe acrescentar, Flores e Teixeira (2012, p. 45) afirmam que o dialogismo subjaz toda e qualquer utilização que se faça da teoria bakhtiniana. Isso se deve ao fato de que, mais que uma concepção dialógica de linguagem, Bakhtin tem uma concepção dialógica de mundo: é o que se evidencia em *Para Uma Filosofia do Ato* (2010 [1919/20]). Assim, para explicitar melhor a importância dessas relações para a compreensão da linguagem no entender dos estudiosos do Círculo, passemos à discussão de alguns pontos essenciais trazidos e tratados em seus escritos.

1 A concepção dialógica de linguagem do círculo

Dentro do modo de pensar a linguagem do Círculo, ela é entendida numa dimensão social. Isso se deve ao fato de a língua (e, conseqüentemente, a linguagem) ser socialmente constituída e os indivíduos a adquirirem, constituírem suas consciências, linguístico-socialmente por meio da interação verbal, ou seja, em um processo dialógico. É o que defende Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 120) ao dizer que

A atividade mental do sujeito constitui, da mesma forma que a expressão exterior, um território social. Em consequência, todo o itinerário que leva da atividade mental (o “conteúdo a exprimir”) à sua objetivação externa (a “enunciação”) situa-se completamente em território social.

Com isso, o autor defende que a linguagem é social por excelência e qualquer processo que a envolva também o é. É o caso da constituição do sujeito. Segundo Fiorin (2008), em empreendimento introdutório ao pensamento bakhtiniano, esse processo de constituição do sujeito é puramente dialógico, e o autor o aponta como um dos três tipos de dialogismo existentes nos escritos do Círculo: o dialogismo constitutivo do indivíduo-sujeito.

Além desse tipo de dialogismo, Fiorin (2008) defende que há mais dois: o dialogismo constitutivo e o dialogismo composicional. No que se refere ao dialogismo constitutivo, o autor diz que um enunciado só adquire sentido em relação com outros enunciados, por isso a relação de diálogo é inerente ao enunciado, é constitutiva dele; já o dialogismo composicional, para Fiorin (2008), relaciona-se à apropriação do discurso de outrem (nas suas diferentes formas, marcadas ou não) na constituição de enunciados.

Assim, percebemos que o dialogismo é constitutivo não só da comunicação concreta, mas, também, da própria consciência, que se dá por meio da linguagem de acordo com Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]), ou “semioticamente” nas palavras de Fiorin (2008).

Quando focamos na linguagem verbal materializada em enunciados, a questão da natureza social também é determinante. Aqui convém lembrar e

ressaltar que, no entender do Círculo, a linguagem é constituída a partir de um sistema linguístico (parte imanente), a língua no sentido saussuriano¹. No entanto, na interação verbal, a língua por si só não dá conta da interação, por isso, na interação verbal, são construídas relações de diálogo com diversas instancias da enunciação, sem as quais a comunicação seria inviabilizada (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929]). Essas relações são as relações dialógicas.

Bakhtin reconhece que a língua é construída também socialmente, mas ela é da ordem do imanente, do repetível, e por isso, menos suscetível a mudanças, constituindo as chamadas “forças centrípetas” (BAKHTIN, 1998 [1934/35] p. 81-82)². Nesse caso, afirma Bakhtin (2011a [1952/53], p. 296), ao diferenciar a oração do enunciado, na língua se estabelecem relações lógicas; já na linguagem, o que operam são as relações dialógicas que se materializam em unidades da interação verbal, em enunciados.

Apesar de na língua se estabeleceram apenas relações lógicas, ela é imprescindível às relações dialógicas, pois, como lembra Bakhtin (2011b [1959/60], p. 323), as relações dialógicas pressupõem uma língua, embora não existam nela. É nesse sentido que Faraco (2006, p. 64), em empreendimento de escrita de uma síntese do pensamento do Círculo, diz que, para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico entre no plano do discurso por meio de enunciados.

Assim, a partir dos estudos do Círculo, evidencia-se que, no plano da enunciação, a orientação social se evidencia de formas diversas na linguagem por meio: da orientação social, para o outro; da presença de diferentes vozes sociais que dialogam ou se conflitam; da materialização do enunciado enquanto elo entre os já-ditos e a presunção de respostas; da adequação ao contexto enunciativo; e das marcas valorativas/emotivo-volitivas/axiológicas do sujeito em relação ao objeto da enunciação.

Essas marcas da orientação social são também responsáveis pela caracterização da dialogicidade da linguagem; são elas que dialogizam os enunciados da comunicação real. Essas marcas, que constituem as relações

¹ Saussure, em seu empreendimento científico-metodológico, optou por estudar a linguagem enquanto sistema de signos, deixando de lado as questões de ordem individual e social.

² Para o Círculo, há na linguagem forças centrípetas, que são responsáveis por manter a estabilidade da linguagem; referem-se ao imanente, ao repetível, compartilhado entre os falantes. Há, em oposição a estas, as forças centrífugas, que se referem ao irrepetível, ao individual e sempre novo.

dialógicas, são materializadas por meio do material linguístico, pela parte imanente da linguagem, e qualquer processo de compreensão deve partir desse material linguístico.

Nesse ponto, acreditamos que seja pertinente trazer a afirmação de Volochinov (2013c [1930b], p. 169) sobre a relação da orientação social e a escolha do material linguístico. Para o filósofo, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação, constituem não só a forma estilística mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação”. Ou seja, até mesmo a parte linguística do enunciado, que é da ordem das relações lógicas, é determinada em vista do social, das relações dialógicas estabelecidas na instância de enunciação.

Sendo assim, já que a materialização verbal da linguagem serve como meio e *locus* de diálogo entre diferentes instâncias, esse deve ser ponto de partida para investigar os fios dialógicos que dão sustentação aos dizeres dos sujeitos sócio-historicamente situados.

Até aqui, já podemos perceber que as relações dialógicas são a condição *sine qua non* da linguagem, pois elas são relações de sentido, a partir das quais é possível aos parceiros de interação construir sentidos para os enunciados, textos, discursos, etc., ou seja, a construção de sentido sempre se dá de forma dialógica. Por isso, no estudo da linguagem, as relações existentes entre enunciado e realidade, entre o enunciado e o locutor (autor) devem ser estudadas; deve-se ter em conta essas relações de sentido que se instauram entre as diferentes instâncias da palavra no jogo da interação (BAKHTIN, 2011b [1959/60], p. 307-330).

Esse caráter dialógico é algo inerente à linguagem como um todo; não é algo exclusivo da linguagem verbalizada, pois, como defende o próprio Volochinov (2013c [1930b], p.164), mesmo na linguagem interior, as formas de intervenções verbais realizadas são totalmente dialógicas, pois estão repletas de valorações de um ouvinte potencial, dirigidas a um público, também potencial e são modeladas a partir desse público, mesmo que o pensamento não tenha sido exteriorizado pelo indivíduo em nenhum momento. Ainda, segundo Volochinov (2013c [1930b], p. 165), essa dialogização da linguagem interior se evidencia quando temos que tomar uma decisão e começamos a discutir conosco mesmos, buscando convencer-nos da

decisão mais adequada. Nesse caso, para o autor, a consciência parece quase dividir-se em duas vozes distintas que se contrapõem.

E por defender uma perspectiva marxista da linguagem, sobre essa discussão interna, Volochinov (2013 [1930], p. 165) ainda diz que “sempre uma dessas vozes, independente de nossa vontade e de nossa consciência, coincide com a visão, com as opiniões e com as valorações da classe a que pertence. A segunda voz é sempre o representante típico, ideal, de nossa classe”.

Vistas a isso, passemos às marcas apontadas acima como as formas de materialização verbal da dialogização da linguagem. Convém advertir que as marcas de dialogização que apresentaremos a seguir em tópicos separados, na linguagem, se apresentam de forma imbricada, diríamos até indissociável. Todavia, vistas a uma didatização dessas formas de diálogo na linguagem, ousamos apresentá-las separadamente. Dito isso, passemos a discussão destas marcas.

2 A orientação para o outro

Na teoria dialógica desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, um dos aspectos constitutivos da linguagem é a orientação para o interlocutor, para o outro, pois essa orientação constitui a base arquitetônica do pensamento do Círculo. Essa base arquitetônica é um dos focos de Bakhtin (2010 [1919/20]) no texto *Para uma Filosofia do Ato*. Segundo o filósofo, para o entendimento da linguagem deve-se buscar o que é da ordem do individual e irrepetível e, para isso, deve-se recorrer aos momentos básicos de sua construção, ou seja, as relações que constituem a arquitetônica³ do pensamento do Círculo bakhtiniano: *o eu-para-mim, o eu-para-o-outro e o outro-para-mim*.

Essas relações de base da linguagem, evidenciam que ela é produto de interação entre interlocutores (mesmo que um deles não seja um interlocutor real). Nesse sentido, a linguagem existe em função da interação, em função da intersubjetividade dos sujeitos. E, além disso, segundo Bakhtin (2010 [1919/20], p. 115), o “eu”, o “outro” e o “eu-para-o-outro” são responsáveis por todos os valores

³ Base que dá sustentação à teoria da linguagem do Círculo.

sócio-espaco-temporais de toda a linguagem na interação verbal; os valores são construídos nesse processo de interação intersubjetivo entre sujeitos.

Disso, temos que, na formulação de enunciados, o locutor serve-se de elementos reiteráveis da língua; serve-se também da parte não verbal e, atrelado a isso, atribui uma posição valorativa em relação ao objeto de enunciação. Tudo isso é determinado pela orientação social para o outro, pela base arquitetônica da linguagem.

Nas palavras de Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 115),

(...) toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*.

Dessa forma, na linguagem, o locutor é tido como um sujeito que faz uso da linguagem como resposta a outro locutor, e essa sua resposta dá margem à resposta de outro locutor, constituindo um diálogo no sentido estrito e amplo da palavra.

Sendo assim, na busca da interpretação dos fios dialógicos que dão sustentação ao dizeres, essa relação entre interlocutores é um aspecto a ser investigado, quando do estudo da linguagem numa perspectiva social, pois essa relação entre eles é definidora de valores e sentidos de textos, enunciados e discursos. No entanto, não é a única relação a ser observada; devemos também levar em consideração o diálogo entre diferentes vozes sociais, como veremos a seguir.

3 Diferentes vozes sociais na enunciação

Ao tocar na questão da relação entre interlocutores na interação verbal trazemos à tona a questão da pluralidade de vozes sociais que se encontram, dialogam ou se conflitam na interação verbal. Essa é uma questão amplamente discutida por Bakhtin (1998 [1934/35]) no texto *O Discurso no Romance*, no qual ele sugere que uma abordagem correta e sem preconceitos das formas retóricas revelaria, com grande precisão, os aspectos próprios de todos os discursos, ou seja,

sua dialogização interna e os fenômenos que a acompanham, tal como o plurilinguismo (1998 [1934/35], p. 79).

Apesar de seu foco nesse estudo ser o romance, as reflexões desenvolvidas por ele nesse ensaio corroboram as ideias desenvolvidas por ele e seus companheiros de Círculo em outros escritos que focam a linguagem propriamente. Ao sugerir uma forma de abordagem que leve em conta o dialogismo e o plurilinguismo no estudo do romance, Bakhtin diz que todo discurso encontra o seu objeto sobre o crivo de outrem, pois o objeto já está também sobre a tônica do outro; por isso, orientado para o objeto, o discurso penetra esse meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos outros. No dizer de Bakhtin (1998 [1934/35], p. 86) “ele [o discurso] entrelaça com eles [discursos outros] em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros”. Tudo isso é constitutivo do discurso, materializado através dos enunciados na interação.

Além disso, Bakhtin (1998 [1934/35], p. 100) diz que “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente a propriedade intencional do falante, ela está povoada de intenções de outrem”. Ou seja, a linguagem se mostra como uma zona de tensões entre vozes de outrem, sócio-ideologicamente situadas; “todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas” (1998 [1934/35], p. 106).

Associado a essa forma de diálogo, há as relações de alteridade e de responsividade que se dão na linguagem, como veremos na seção seguinte.

4 O elo entre os já-ditos e presunção de respostas

No entendimento do Círculo, a linguagem não se relaciona unicamente com os interlocutores em relações de alteridade e de responsividade: a linguagem é definida, também, por essas relações no plano do conteúdo. Para Bakhtin ([2011b [1959/60], p. 329) “o enunciado se determina (na verdade, se define) [...] por sua relação imediata com os outros enunciados dentro dos limites de uma esfera de comunicação” e fora dessa relação o enunciado é um texto no sentido saussuriano, ou seja, diz respeito à parte imanente da linguagem, a língua na qual não há relações dialógicas, apenas relações lógicas.

Na interação entre indivíduos, há um jogo constante entre o já dado e o novo; ou seja, o indivíduo para conseguir interagir socialmente, deve partir de algo já dado, conhecido, e, a partir disso, ou em resposta a isso, construir seu enunciado, gerando um evento singular e irrepitível que assim comporta um elemento novo por meio da adequação à instância de enunciação e da presunção das possíveis respostas ao seu enunciado, ou seja,

toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006 [1929], p. 99)

Esse jogo entre o dado e o por vir é peça chave para se entender os discursos, vistas que ele é regulador da enunciação e o reconhecimento desse jogo de dizeres no texto é uma das vias de investigação dos dizeres e de seus fios dialógicos, de construção de sentido.

Além de considerar a dimensão alteritária e responsiva do enunciado, é preciso ter em conta que os enunciados se dão dentro de um contexto extraverbal que precisa ser explicitado para a compreensão do evento sócio-discursivo que se dá por meio da linguagem, como discutimos a seguir.

5 A adequação ao contexto de enunciação

Outra questão importante para o pensamento do Círculo é o fato de as interações verbais entre sujeitos se darem em diferentes esferas discursivas. Dentro dessas esferas, os enunciados são constituídos, levando-se em conta não só o verbal, mas também a parte não verbal que compõe a enunciação. Na teoria dialógica da linguagem, o compartilhamento dessa parte não verbal pelos parceiros de interação e entre o autor e o leitor é de suma relevância para a compreensão dos sentidos, visto que o seu desconhecimento, ou conhecimento apenas parcial, compromete a construção desse sentido. Portanto, a linguagem, na interação verbal, também está em constante diálogo com o não verbal.

Para Volochinov (2013a [1926], p.71-100), ao discorrer sobre a enunciação na vida e na arte, em defesa de uma poética sociológica, a enunciação na arte é da mesma natureza que a enunciação na vida, ou seja, social. Sendo assim, ele faz suas reflexões partindo da enunciação na vida e, por isso, mesmo estando diretamente ligado à poética nesse escrito, há vários conceitos que se apresentam como elementares para a compreensão na e da interação verbal na vida. Um desses conceitos é o de contexto extraverbal da enunciação. Esse conceito é ponto nodal para a compreensão da linguagem, pois, ao enunciar, o locutor o faz, adequando-se às condições desse contexto extraverbal, e compreender requer o conhecimento desse contexto. Isso se evidencia por meio do exemplo que o próprio autor traz em seu texto:

Duas pessoas se encontram em uma casa. Estão caladas. Uma delas diz: “Bem”. O outro não responde nada.

Para nós outros, que não nos encontramos na casa na situação da conversação, todo esse enunciado é absolutamente incompreensível. A enunciação “Bem”, tomada isoladamente, é vazia de sentido. Não obstante, essa singular conversação entre os dois, que consta de uma só palavra expressivamente entonada, é plena de sentido, de importância e está perfeitamente concluída (2013a [1926], p. 78).

Para Volochinov, a incompreensão desse enunciado por quem se encontra fora da instância de sua produção se dá justamente pelo desconhecimento do contexto extraverbal. É necessário conhecê-lo. O contexto extraverbal na acepção volochinoviana comporta três elementos. São eles:

1) um horizonte espacial compartilhado por ambos os falantes (unidades do visível: a casa, a janela etc); 2) o conhecimento e a compreensão comum da situação, igualmente compartilhados pelos dois, e, finalmente, 3) a valoração compartilhada pelos dois, da situação (VOLOCHINOV, 2013a [1926], p. 78).

Ou seja, para que se compreenda de forma adequada o sentido, deve-se atentar para o diálogo que se instaura na linguagem por meio da adequação ao ambiente físico/espacial compartilhado pelos interlocutores, do compartilhamento entre interlocutores do conhecimento da situação e da valoração compartilhada dos dois da situação.

De conhecimento do contexto extraverbal, o enunciado, o exemplo que Volochinov traz em seu texto, fica pleno de sentido. Vejamos:

No momento da conversação, *ambos* os interlocutores *olharam* pela janela e *viram* que começava a nevar; os dois sabem que é mês de maio e que faz muito tempo que devia ter iniciado a primavera; finalmente, *aos dois* o inverno tão prolongado é um mal; *ambos* esperam a primavera e a queda da neve tão fora de época *entristece os dois*. A *enunciação se apoia diretamente* em tudo isto: no *visto conjuntamente* (os flocos de neve pela janela); no *sabido conjuntamente* (é mês de maio), e no meio *avaliado conjuntamente* (o inverno atrasado, o desejo de que chegue a primavera); tudo isso é abarcado pelo sentido vivo, aparece absorvido por ele e, sem dúvida, não está expresso verbalmente, não está dito. Os flocos de neve estão atrás da janela: a data, na folha do calendário; a valoração, na psique do falante, porém tudo isso aparece compreendido pela palavra “Bem” (grifos do autor) (VOLOCHINOV, 2013a [1926], p. 78-79).

Disso, percebemos que o que é “*visto conjuntamente*”, “*sabido conjuntamente*” e “*avaliado conjuntamente*” compõe o diálogo que se estabelece na linguagem e permite a construção do sentido que, como já dito, só pode se dar de forma dialógica.

6 As marcas valorativas do sujeito

Na concepção de linguagem que emerge dos estudos do Círculo de Bakhtin, outra questão de suma relevância é a questão ideológica do signo linguístico. Essa é uma questão amplamente tratada no texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* por Bakhtin/Volochinov (2006 [1929]). Nesse escrito, ele defende que toda palavra é ideológica por excelência, ou seja, toda palavra carrega a ideologia social de uma determinada classe ou grupo social. No entanto, para o autor, na interação verbal, o uso da linguagem não apenas reflete essa ideologia; a ideologia é também refratada pelo falante.

Isso evidencia que, na linguagem, se dá um diálogo ideológico, do qual as posições valorativas do sujeito emergem, e essas posições se evidenciam por meio da palavra. Para Bakhtin/Volochinov (2006 [1929], p. 109) “toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa”. Isso se dá porque, no entender dos membros do Círculo, a linguagem está sempre carregada de posições

valorativas, e são justamente os acentos avaliativos mostrados que dão vida às palavras, às enunciações, à linguagem como um todo.

E em se tratando de estudos das relações dialógicas do discurso, essas posições valorativas são elementos essenciais à compreensão, pois, de acordo com o Círculo, na linguagem se revelam as valorações e ideologias do sujeito em relação ao objeto da enunciação. Sendo assim, a linguagem é fruto desse diálogo entre ideologias e posições valorativas, estas como reflexo e refração daquelas.

À guisa de considerações finais

Neste texto, trouxemos à discussão o conceito de dialogismo do Círculo de Bakhtin, mostrando-o como condição para a construção de sentido da enunciação, já que, quando do uso da linguagem, estabelecem-se relações de diálogo com as diferentes instâncias enunciativas. Como pudemos ver, a partir da discussão de cunho teórico feita neste texto, as marcas dialógicas da enunciação são de diferentes tipos, embora apareçam imbricadas nos usos reais da linguagem. Essas marcas, mostradas de forma didatizada neste texto, refletem e refratam questões de ordem social e individual e são “determinantes” do todo que a enunciação encena. Assim, considerá-las é imprescindível à construção de sentido.

Em vista disso, acreditamos que todas as formas de diálogo apresentadas acima são indispensáveis a estudos da linguagem que a considerem em sua dimensão social. Saber que, mais que pôr em funcionamento um sistema linguístico, o falante põe em jogo relações de sentido com diferentes instâncias, é fundamental à construção de sentido para a linguagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Unesp, [1934/35] 1998, p. 71-210.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução do italiano de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, [1919/20] 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a [1952/53], p. 261-306.

BAKHTIN, M. O problema do texto. In: _____. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b [1959/60], p. 307-336.

BAKHTIN, M. Metodologia das ciências humanas. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011c [1974], p. 393-410.

BAKHTIN, M. M. /VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, [1929], 2006.

FARACO, C.A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, V do N; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

VOLOCHINOV, V. Palavra na vida e palavra na arte: introdução ao problema da poética sociológica. In: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013a [1926], p. 71-100.

VOLOCHINOV, V. Que é a linguagem?. In: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013b [1930], p. 131-156.

VOLOCHINOV, V. A construção da enunciação. In: _____. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João editores, 2013c [1930], p. 157-188.